

O conhecimento ancestral dos profetas da chuva e sua continuidade ameaçada – onde entra a escola?

Yls Rabelo Câmara¹

RESUMO

Os profetas da chuva são agentes populares da cultura das chuvas e das secas no nordeste do Brasil. Com a atual tecnologia aplicada às previsões meteorológicas, esses homens são cada vez menos numerosos. Assim, nesta pesquisa, mostramos quem são eles, qual a sua importância para os sertanejos e para a cultura nordestina e quais os desafios que enfrentam para seguirem na resistência, em busca de representatividade e continuidade. Para isso, baseamo-nos em investigadores como Briones-Gamboa (2010), Santos (2019), Taddei (2015) e Teixeira *et al.* (2020), por exemplo. Concluímos que a Ciência deve voltar, cada vez mais, seu olhar atento para essas manifestações da cultura popular nordestina, uma vez que as novas gerações já não têm mais tanto interesse de seguir essa tradição ancestral, oral e empírica, e que a escola é fundamental neste processo de busca, resgate e manutenção.

Palavras-chave: profetas da chuva; experiências de inverno; resistência; educação popular.

The ancestral knowledge of the rain prophets and their threatened continuity – where does the school come in?

ABSTRACT

The rain prophets are popular agents of the culture of rains and droughts in the Northeast of Brazil. With current technology applied

¹ Doutora em *Filología Inglesa* (Universidad de Santiago de Compostela), com Estágio Pós-Doutoral em Educação (Universidade Estadual do Ceará). Idealizadora, Líder e Orientadora do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2009-5022>. E-mail: ylscamara@hotmail.com.

to weather forecasts, those men are less and less numerous. Thus, in this research, we show who they are, what their importance for the *sertanejos* and for the Northeastern culture is and what are the challenges they face to continue in resistance, in search of representativeness and continuity. For this, we base ourselves on researchers such as Briones-Gamboa (2010), Santos (2019), Taddei (2015), and Teixeira *et al.* (2020), for example. We conclude that Science must increasingly turn its attention to those manifestations of the Northeastern popular culture, since the new generations are no longer so interested in following this ancestral, oral and empiric tradition, and that school is fundamental in this search, rescue and maintenance process.

Keywords: prophets of the rain; winter experiences; resistance; popular education.

El conocimiento ancestral de los profetas de la lluvia y su continuidad amenazada – ¿dónde entra la escuela?

RESUMEN

Los profetas de la lluvia son agentes populares de la cultura de las lluvias y sequías en el nordeste de Brasil. Con la tecnología actual aplicada a las previsiones meteorológicas, estos hombres son cada vez menos numerosos. Así, en esta investigación mostramos quiénes son, cuál es su importancia para los *sertanejos* y para la cultura nordestina y cuáles son los desafíos que enfrentan para continuar en resistencia, en busca de representatividad y continuidad. Para ello, nos basamos en investigadores como Briones-Gamboa (2010), Santos (2019), Taddei (2015) y Teixeira *et al.* (2020), por ejemplo. Concluimos que la Ciencia debe volcar cada vez más su atención a estas manifestaciones de la cultura popular nordestina, ya que las nuevas generaciones ya no están tan interesadas en seguir esta tradición ancestral, oral y empírica, y que la escuela es fundamental en este proceso de búsqueda, rescate y mantenimiento.

Palabras clave: profetas de la lluvia; experiencias de invierno; resistencia; educación popular.

INTRODUÇÃO

A Revista **Educação e Emancipação** trata, em seu título e escopo, da Educação em termos emancipatórios. E, a nosso ver, nada é mais emancipador do que a escolaridade construída a partir da vida do sujeito, inserida no ambiente onde este orbita. Contudo, é consabido que nem todos temos as mesmas oportunidades nesta seara, principalmente se considerarmos o Brasil tal como ele realmente é em sua estrutura social desde o século XVI: uma miscelânea de discrepâncias em todos os âmbitos, amalgamadas em uma *melting pot* que privilegia poucos em detrimento dos muitos outros e onde a escolaridade e os diversos letramentos podem ou não se entrelaçar com o fito de tratar dos temas **educação e cultura** como é devido – pois para isso, depende-se da aplicação correta da Lei e dos interesses de quem a aplica e de quem a usufrui.

Em um país onde a **memória** e a **cultura** não são valorizadas à altura, **os profetas e as profetizas da chuva** (assim como as rezadeiras, os galegos, as parteiras, os vendedores de produtos agrícolas e pecuários de porta em porta e outros agentes da cultura popular que ainda estão entre nós) têm sua continuidade ameaçada – especialmente porque não existe uma efetiva política de preservação de nosso patrimônio imaterial que os contemple e que nos dê a garantia de que suas presenças seguirão em forma de memória factual quando eles e elas aqui não estiverem mais.

Refletindo sobre isso, há algum tempo, enquanto ainda ensinávamos em uma Instituição de Ensino Superior (IES) na cidade de Quixadá, no Ceará, iniciamos nossa trajetória de pesquisa sobre os profetas da chuva nesse lugar onde eles são bastante estimados. Destarte, neste artigo, uma revisão bibliográfica realizada a partir de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e com objetivo exploratório, apresentamos esses benfeitores da caatinga cada vez mais escassos no seio do sertão e que necessitam de um olhar mais acadêmico sobre si, assim como também de uma revalidação de sua importância a partir da escola, a partir do início da formação de nossos futuros cidadãos.

Esta é a primeira parte de um projeto que visa biografar alguns profetas da chuva ligados a esta cidade específica e que conta

com o apoio de um defensor da ideia de que este saber ancestral deve ser conhecido e reconhecido mundo afora: o Sr. Helder Cortez, um dos diretores à frente da companhia cearense de saneamento e distribuição hídrica. Este gestor público realiza, há quase trinta anos, os encontros dos profetas da chuva na cidade de Quixadá, citados mais à frente neste trabalho, e que entraram para o calendário de efemérides culturais não somente do Ceará, mas do nordeste brasileiro.

Sendo assim, primeiramente, no marco teórico, dissertamos sobre o clima árido nordestino, onde a presença dos profetas da chuva é, ao mesmo tempo, refrigério e reminiscência atemporal. A seguir, agudizamos nosso olhar para Quixadá, onde, como supradito, esses agentes são validados. Dando continuidade, na sessão de resultados e discussão, tratamos de nosso objeto de estudo (profetas e profetisas da chuva) em si, da relevância de suas atividades para a cultura nordestina, cujo *know-how* entra em acordo e desacordo com a Ciência – a depender de alguns fatores –, e finalizamos questionando a continuidade desses agentes benfeitores entre nós, incluindo a escola nesse propósito, em uma era onde a previsibilidade das chuvas pode ser medida a partir de outros parâmetros, por meio de outras bases que normalmente visam desacreditar do que é empírico, ancestral e analógico – o que ressoa no campo de ação de nossos profetas e profetisas da natureza e entra em conflito com eles e elas contribuindo, juntamente com outras razões, para o seu descrédito e desaparecimento em um futuro próximo se não agirmos logo.

MARCO TEÓRICO

O Sertão Nordestino: *Locus* dos Profetas da Chuva e Onde Quixadá se Destaca como Relicário da Cultura das Chuvas e das Secas

Cada um dos seis biomas brasileiros apresenta características que os diferenciam dos demais. A caatinga nordestina, dentre eles, é o *locus* onde vida e morte duelam de maneira desigual: bem mais em

favor desta do que daquela. Como defende Pereira (2019), a variação climática no nordeste brasileiro se dá pela confluência das massas de ar do Atlântico Norte com as do Atlântico Sul. Além disso, frentes frias, o vórtice ciclônico e as ondas de leste também influenciam. Por estas e outras questões, o Nordeste é a região do Brasil que mais sofre com o fenômeno das secas, principalmente nas zonas semiáridas – ainda que nem sempre tenha sido assim. O sertão já foi um mar, tal como acredita o senso comum, como canta a literatura de cordel e como Funes *et al.* (2018) defendem:

Por volta da era mesozoica, grande parte do atual Nordeste foi coberta por mares interiores. Com o último grande deslocamento das placas tectônicas e o enrugamento da crosta terrestre, as águas foram para fora e o que era mar foi se tornando um grande sertão. As marcas desta transformação, de longa duração, são perceptíveis em vários lugares, como no Cariri cearense, onde estudos geológicos e arqueológicos têm revelado dados quanto às temporalidades daquelas formações rochosas, sua flora e fauna: peixes, insetos, e vegetais fossilizados. (FUNES *et al.*, 2018, p. 25-43).

Em outras palavras, o mar virou um sertão de um milhão e duzentos mil quilômetros quadrados. Árido e muitas vezes adverso, possui um ecossistema diferenciado – a caatinga, com cactáceas e florestas anãs de árvores onde predominam plantas arbustivas e outras típicas dali como, por exemplo: carnaúba, buriti, umburana, angicos, favela, aroeira, quixaba, cumaru, xique-xique, baraúna, coroa de frade, algaroba, freijó, pinha, coqueiro, catingueira, mulungu, pau d’arco, gameleira e juazeiro (FUNES *et al.*, 2018; PEREIRA, 2019; SANTOS, 2017).

Em termos geográficos, o sertão nordestino é uma sub-região que compreende uma extensa faixa de terra nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe e possui seis polos distintos: Fortaleza, Petrolina, Juazeiro, Mossoró, Juazeiro do Norte e Sobral. Uma característica que diferencia o sertão brasileiro dos diversos semiáridos do mundo é que zonas úmidas o margeiam, não um deserto, e isso explica suas peculiaridades

biomáticas e sua atipicidade demográfica, com predomínio do clima tropical semiárido, que tem variação de temperatura entre 25 e 30° C, onde predominam duas estações: a seca e a chuvosa (sendo esta última de apenas de três ou quatro meses ao ano – se isso). Afunilando esse cenário, o Ceará, em consonância com Teixeira *et al.* (2020), tem 95% de seu território incrustado no semiárido, onde o risco de seca é da ordem de 60%. A caatinga, ainda por cima, é potencialmente vulnerável às mudanças que vêm ocorrendo quanto ao clima por ter 80% de seu território manipulado pela ação humana, que *per se* comprova ser devastadora.

Nesse ambiente quente e hostil, temos a presença de alguns conglomerados urbanos economicamente importantes que aglutinam diversas atividades mercantis e servem de interseção com outras localidades tão desenvolvidas quanto ou um pouco menos. Um desses centros citadinos é Quixadá, que também abriga a tradição dos profetas da chuva. Aqui fazemos um adendo para explicar que não é somente neste município que esses homens e mulheres existem e onde são de extrema importância para os pequenos proprietários rurais; os da região sul do estado também o são, por exemplo, mas neste artigo, optamos por centrar nosso escopo apenas nos profetas e profetisas da chuva desta cidade porque, como explicado acima, estávamos a lecionar em uma IES de Quixadá e tínhamos acesso ao nosso objeto de estudo mais facilmente no momento em que iniciamos essa pesquisa.

Conforme Câmara (2021), Quixadá, além de ser um polo comercial importante do sertão central cearense, destaca-se como cidade universitária ao albergar seis IES e tem como atrativo também o turismo de aventura, já que sua orografia única contém monólitos singulares e propícios para a prática de esportes radicais. Para além disso e ainda à luz de Câmara (2021), Quixadá está na rota dos ufólogos uma vez que vários avistamentos de objetos voadores não identificados e seres possivelmente não humanos têm sido catalogados como tendo ocorrido nos céus dessa cidade e em seus arredores.

Por mais peculiaridades em termos turísticos, econômicos e intelectuais que essa cidade exale, essa riqueza e tudo o que dela provém estão intrinsecamente vinculados com o rural, com o que é

camponês, onde os profetas da chuva têm seu *locus* e sua imensurável importância. Segundo Teixeira *et al.* (2020), estes, que também são conhecidos como **profetas da natureza, observadores da natureza** ou **profetas da seca**, são agentes sociais populares pertencentes ao imaginário do interior do nordeste brasileiro, representantes do saber etnoclimatológico ancestral do agreste para seus conterrâneos. Baseando-se em suas “experiências de inverno²” e agindo como arautos, esses homens³ tocados pela sensibilidade de observar aspectos naturais e daí extrair inferências, atenuam a rispidez da vida em rincões muitas vezes inóspitos dessa parte do Brasil tão castigada pelos infortúnios que as secas sazonais acarretam, trazendo esperança onde ela é sempre bem-vinda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Profetas da Chuva: Missão e Relevância dos Aautos do Nordeste

À luz de Teixeira *et al.* (2020), as secas no estado do Ceará têm sido registradas oficialmente desde 1605, a partir dos estudos etiológicos do Senador Pompeu, mas, na verdade, já vinham sendo documentadas pelos colonizadores portugueses desde o século anterior. Sempre foram um problema grave, dramático e avassalador e que já poderia ter sido resolvido se houvesse tido um verdadeiro empenho político-popular nesse sentido. Mas não. As secas rendem votos – milhões deles, nos chamados “votos de cabresto”, até hoje. O êxodo rural promove o subemprego que é extremamente rentável ao capitalismo que nos rege. A pobreza não importa para os que são economicamente favorecidos; a fome não aflige quem não a sente.

Por essas e tantas outras razões, nesse universo agreste de frequentes estiagens, a chuva é esperada com um grau de expectativa que vai do razoável ao alto. A esperança de que haja um “bom

² “Experiências de inverno” são mecanismos pelos quais os sertanejos preveem chuvas ou secas (Nota da Autora).

³ O ambiente das profecias da chuva é essencialmente falocêntrico. Apesar de também termos profetisas da chuva, quando nos referimos ao tema, elas são englobadas como “profetas”. São também bem menos numerosas do que seus pares masculinos (Nota da Autora).

inverno” é compreensível, especialmente se considerarmos os pequenos agricultores e os pequenos pecuaristas que necessitam das águas abundantes das chuvas para o exercício de seu labor. Para saber antecipadamente como será o “inverno” daquele ano ou do ano seguinte, é comum que os sertanejos recorram às experiências de inverno realizadas e interpretadas com maestria e alto grau de acerto pelos profetas da chuva.

Esses são, em geral, homens rústicos e sem educação formal nem cultura livresca, que se utilizam do conhecimento ancestral empírico que herdaram de outros profetas da chuva para observar a natureza a fim de inferir sobre a estação chuvosa presente ou a seguinte – se haverá ou não. Segundo Bruno e Martins (2008, p. 2), “Frente à previsibilidade disputada pelo discurso científico, a fala do profeta se situa no limiar entre a religião e a ciência, a crença e o conhecimento.”. Eles são, em suma e nas palavras de Teixeira *et al.* (2020), patrimônios imateriais do Nordeste, fazendo parte do imaginário da vida hostil que se leva nessa região castigada pela inclemência climática, mas enfrentada com fé e bravura – tanto como outros ícones da cultura popular nordestina: beatos, cangaceiros, vaqueiros e curandeiros.

Nesse território situado a meio caminho entre o empirismo popular e a comprovação científica, esses homens de pouca escolaridade, “[...] personagens do folclore capazes de interpretar os sinais oferecidos pela natureza e traduzi-los em previsões meteorológicas” (SOUSA *et al.*, p. 48, 2017), alimentam a superstição dos sertanejos e, principalmente, provêm alento. De acordo com Teixeira *et al.* (2020, p. 23):

Existe uma ligação psicológica e emocional entre a sociedade do sertão e seus profetas. Entre os meses de novembro e março do ano seguinte, os profetas são procurados constantemente pelos sertanejos que anseiam pela chegada das chuvas.

Esse conhecimento, sem embargo, não é inerente apenas a esses homens e mulheres, à luz de Gonçalves e Bertino (2018): normalmente, os nordestinos, mormente os que vivem no sertão, conhecem algumas das inúmeras técnicas de previsão de chuvas que

fazem parte de um amplo e vetusto repertório de saberes transmitidos de geração em geração e que remontam à Idade Média, trazidos que foram pelo elemento colonizador, e que já eram comuns entre nossos autóctones, que observavam a natureza com o intuito de desenvolver sua agropecuária de subsistência. De qualquer maneira, é comum a disputa sadia e a rivalidade amistosa entre os profetas para ver quem acerta mais, quem dá prognósticos mais acertados para a estação chuvosa (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Fundindo seus conhecimentos aos dos indígenas, os europeus que para cá rumaram com o intuito de explorar a maior colônia portuguesa nas Américas ou de nela viver em degredo, formaram um amálgama de cultura climatológica popular que o tempo foi moldando e misturando com as culturas dos africanos escravizados que para aqui vieram traficados a partir de 1536 e que também necessitaram desse repertório teórico-empírico enquanto viveram em suas terras natais, onde mantiveram suas pequenas lavouras e criavam os animais que os alimentavam. Dentre as experiências de inverno mais comuns que extraímos de vários estudos de referência sobre o assunto – experiências essas que foram e são exemplos práticos desse sincretismo entre autóctones, europeus e africanos, conforme Severino *et al.* (2016), Bruno e Martins (2008), Silva (2018), Pereira (2019) e Santos (2019) –, destacam-se algumas:

- 1) Calor excessivo e suor “pesado” ou “grudento” no corpo;
- 2) Chuvas em datas determinadas, como no Dia de São José;
- 3) Desenvolvimento de certas plantas e a floração de cajueiros, mangueiras e mandacarus;
- 4) Tipos de cursos de água;
- 5) Aparência e posição de astros e constelações;
- 6) Ocorrência de círculos esbranquiçados na lua e sua mudança de fase;
- 7) Aparecimento da Estrela D’Alva no céu;
- 8) Aparecimento da barra desenhada no céu, no Natal;
- 9) Aparecimento de arco-íris, bolandeira (halo) da lua e céu escamado;
- 10) Direção do vento;
- 11) Surgimento de redemoinhos;
- 12) Formação de nuvens;

- 13) Queda de pouco ou de muito “sereno” (orvalho);
- 14) Relâmpagos na costa sul em outubro;
- 15) Nuvens avermelhadas durante o pôr do sol;
- 16) Amanhecer do dia com nevoeiro;
- 17) Pedras de sal⁴;
- 18) Canto de alguns pássaros da caatinga (como o galo de campina, a seriema, o sabiá, o papacebo, o canário da terra, a rolinha, o juriti, o inhambu e a coruja);
- 19) Comportamento de animais e seu acasalamento (como as formigas, buscando nova moradia, andando em fila, levando seus filhotes às costas; pássaros construindo ninhos, como o João-de-Barro, com a porta voltada para o sol poente);
- 20) Aparecimento de aranhas caranguejeiras, cigarras, rãs, muriçocas e ovas de caçote, abelhas, soldadinhos, preás, cobras de duas cabeças e grilos pretos;
- 21) Desova de curimatãs e traíras;
- 22) Comportamento diferente de bovinos, caprinos e equinos;
- 23) Alegria de animais domésticos ou “de criação” (para abate);
- 24) Vocalização dos sapos nas lagoas nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril;
- 25) Fuga de formigas pretas e vermelhas para o alto das plantas;
- 26) Surgimento de tanajuras após as primeiras chuvas de janeiro ou nos meses de fevereiro e/ou março;
- 27) Presença de muitas teias de aranhas em portas e janelas;
- 28) Cupim gordo, cheio de fios e criando asas;
- 29) Coceira em cicatriz de cirurgia recente ou antiga;
- 30) Datas especiais (além do já citado Dia de São José, o Dia de Santa Luzia, os anos bissextos, o dia 1º de janeiro e o Dia de São João).

⁴ “Outra experiência é colocar seis pedras de sal em qualquer parte da casa ou no terraço, desde que não recebam chuva, para que elas sofram apenas a ação da umidade do ar. Segundo os profetas, as seis pedras representam os seis primeiros meses do ano, e a pedrinha que ficar mais úmida corresponde ao mês que mais choverá.”. (GONÇALVES; BERTINO, 2018, p. 37). Para além disso, (SANTOS, 2019, p. 22) afirma que nas “Experiências do dia de Santa Luzia, coloca-se em uma tabua doze (12) pedrinhas de sal, cada uma corresponde a um mês do ano seguinte, de tal forma que as pedras que derreterem significa que o mês será de chuva e as pedras que ficarem secas, que o mês será de sol.”.

Reiteramos: não somente os profetas da chuva, mas também os sertanejos de uma maneira geral, os que vivem na e da caatinga, a depender dos recursos que têm, preferem e utilizam algumas dessas profecias isoladas ou combinadas para gerar previsões, inferências e diagnósticos quanto às chuvas – vindouras ou não. De qualquer forma, as experiências de inverno são um tema presente no discurso dos nordestinos e fazem parte da cultura imaterial do agreste, do sertão e do homem do campo que necessita delas para se preparar para a estiagem, se ela estiver prevista.

É comum que mesmo os nordestinos que vivem nas cidades, completamente alheios ao ambiente rural e da cultura das chuvas e das secas, saibam de algumas dessas experiências porque elas estão no imaginário popular, no inconsciente coletivo e no senso comum do vulgo das pequenas e das grandes cidades do nordeste do Brasil.

A dor de não ter o que plantar, de não ter o que colher, de não ter como manter seus animais domésticos, de não ter com o que se alimentar e nem aos seus, a dor de ter que abandonar seu rincão de origem e se aventurar em terras desconhecidas junto à gente ignota para não sucumbir à penúria tem sido plasmada nas artes em geral desde tempos imemoriais. Na literatura, podemos citar, a título de ilustração: *A Fome* (1890), de Rodolfo Teófilo; *Ensaio Estatístico* (1893), de Thomas Pompeu Filho; e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz – sem contar as tantas outras obras regionalistas da Geração de 1930 (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Na música, que sempre atinge um maior contingente de pessoas porque é mais acessível às camadas mais pobres da população, algumas canções se tornaram icônicas na voz de Luiz Gonzaga, cantando a dor e exaltando a valentia de seus conterrâneos e contemporâneos. É o que veremos a seguir, na próxima seção.

As Profecias da Chuva Cristalizadas nas Canções de Luiz Gonzaga

Dentre as inúmeras manifestações artísticas que representam de maneira fônica o Nordeste, sua gente, seus costumes, as experiências de inverno e a cultura das chuvas e das secas, temos as preciosidades que nos legou Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, em parceria com Zé Dantas e Patativa do Assaré, além de Humberto

Teixeira e outros compositores que bem souberam espelhar nossa cultura e nossa história em suas letras que são verdadeiros poemas.

De seu repertório musical sobre esses temas que enfatizam as dores trazidas pelas secas e que representam para os nordestinos uma memória amarga de abandono e de morte, escolhemos algumas de suas canções emblemáticas, a saber:

ACAUÃ (1952)

Luiz Gonzaga/Zé Dantas

Acauã, acauã vive cantando
Durante o tempo do verão
No silêncio das tardes agourando
Chamando a seca pro sertão
Acauã, acauã
Teu canto é penoso e faz medo
Te cala, **acauã**
Que é pra chuva voltar cedo
Toda noite no sertão
Canta o **joão corta-pau**
A **coruja, mãe da lua**
A **peitica** e o **bacurau**
Na alegria do inverno
Canta **sapo, jia e rã**
Mas na tristeza da seca
Só se ouve a **acauã**.

A acauã é uma ave tida como agoureira: quando canta tristemente, espanta a chuva e atrai a seca. Diferentemente dela, o joão corta-pau, a coruja, a lua, a peitica, o bacurau, a jia, o sapo e a rã são elementos vinculados às chuvas. Essas aves e anuros, ao cantarem ou coaxarem, prenunciam a fartura advinda com as águas – assim como a lua, que a depender de sua fase ou de estrelas e planetas que a acompanhem no céu, também prediz a estação chuvosa ou sua ausência.

A seguir, uma canção interpretada por Seu Lua (Luiz Gonzaga) baseada na engenhosidade do poeta cearense Patativa do Assaré, *A Triste Partida*, que reflete a desesperança do homem do sertão quando lhe falham todas as experiências de inverno:

A TRISTE PARTIDA (1964)

Patativa do Assaré/Luiz Gonzaga

[...] **A treze do mês**

Ele fez experiência

Perdeu sua crença

Nas **pedras de sal**

Meu Deus, Meu Deus...

[...]

Apela pra **março**

Que é o mês preferido

Do santo querido

Senhor São José

(Meu Deus, meu Deus)

Mas nada de chuva

Tá tudo sem jeito

Lhe fuge do peito

O resto da fé

(Ai, ai, ai, ai)...

[...]

...Meu Deus, meu Deus

...Mas noutra esperança

Com gosto se agarra

Pensando na **barra**

Do alegre natal

(Ai, ai, ai, ai)

Rompeu-se o natal

Porém barra não veio

O sol bem *vermeio*

Nasceu muito além

(Meu Deus, meu Deus)

Na copa da mata

Buzina a cigarra

Ninguém vê a barra

Pois barra não tem

(Ai, ai, ai, ai)

Sem chuva na terra

Descamba janeiro

Depois fevereiro

E o mesmo verão

(Meu Deus, meu Deus)

Entonce o nortista

Pensando consigo
Diz: “isso é castigo
Não chove mais não”.

Nessa canção, temos vários elementos que os profetas da chuva elencam como pertencentes à egrégora da divinação de chuvas por meio de pistas que a natureza lhes fornece: a experiência com as pedras de sal no dia de Santa Luzia, a chegada da chuva até o dia 19 de março (Dia de São José), a barra desenhada no céu natalino, a cigarra preconizando a chuva com seu canto, mas entrando em conflito com a barra inexistente e que leva o sertanejo a ter a certeza de que não choverá, de que não haverá “inverno” – que teria lugar se, por exemplo, o mandacaru florescesse na seca:

XOTE DAS MENINAS (1958)

Luiz Gonzaga/Zé Dantas

Mandacaru quando *fulora* na seca É sinal que a chuva chega no sertão

Toda menina que enjoa da boneca
É sinal que o amor já chegou no coração
Meia comprida, não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado, não quer mais vestir gibão.

Essa canção é conhecida pela candura da letra, que trata das mudanças observáveis nos corpos e nos comportamentos das moças recém-saídas da infância e adentradas na adolescência, preparando-as para a maturidade, tal como o mandacaru que, florando, anuncia a fertilidade advinda com as chuvas muitas vezes vaticinadas pelos profetas e profetizas da natureza.

Não obstante, por mais que esse conhecimento ancestral seja corrente no Nordeste e faça parte da cultura dos que nele vivem, entra em confronto com o saber científico, e ambos se questionam reciprocamente quanto à sua eficácia e eficiência.

Profetas da Chuva e Ciência: Saberes em Rota de Colisão?

Como já mencionado, os profetas e profetizas da chuva utilizam-se de seu conhecimento ancestral e empírico para decifrar sinais que a natureza provê, alentando ou desalentando os sertanejos

sobre as chuvas para o ano presente e/ou o seguinte, indicando os melhores dias para semear e quais áreas são mais propícias para o cultivo de certas espécies vegetais (GONÇALVES; BERTINO, 2018). Com base nesses prognósticos, o nordestino se programa para o plantio e/ou criação de suas cabeças de gado bovino, caprino e suíno.

Mas esses arautos do agreste não somente se baseiam na natureza externa a si para elaborar suas previsões: seus corpos também lhes avisam sobre as mudanças climáticas que estão por vir. Alguns têm manifestações somáticas como reumatismo, nevralgias, dores de cabeça e de dente, indisposição outras e outros males menores que lhes asseguram a certeza do vaticínio:

Para Karla Patrícia, o poeta Antônio Lima deu a entender: “[...] aparece dor de dente quando a terra se revolta, um reumatismo nos ossos, nas pessoa (sic) aquela dor, o corpo vai sentindo a terra muda pra outro clima; a terra ela (sic) agride o homem, ela destrói tudo, tudo é destruídos (sic) por ela; ela cria tudo, depois ela destrói [...]”. (TEIXEIRA *et al.*, 2020, p. 101).

De acordo com Severino *et al.* (2016) e Gonçalves e Bertino (2018), a divulgação escrita dos prognósticos feitos por esses agentes rurais de pouca ou nenhuma escolaridade, mas de muita sabedoria, começou a ser feita por meio dos almanaques (com previsões astrológicas também, além de curiosidades, rezas e notícias) que vinham da Metrópole quando ainda éramos uma colônia – como o *Lunário Perpétuo*⁵ (1703), de Jerônimo Cortez, um valenciano (espanhol) –, além de folhetos de cordéis e livros posteriormente editados e publicados aqui, já no Império. Essa atividade conheceu franca expansão na Era do Rádio, mas antes dela, esses materiais já

⁵ “‘Lunário’ por aludir a um calendário marcado pelas fases da lua. ‘Perpétuo’ porque seus escritores se pretendiam imutáveis. O almanaque que atravessou gerações e rompeu fronteiras mundo afora, chegando aos mais remotos rincões do Brasil, ora a galope, ora enfurnado nas algibeiras de padres e mascates, não demorou a se tornar o livro mais lido no sertão nordestino ao longo de pelo menos dois séculos. É que nele havia uma combinação perfeita: passado, presente e futuro, juntos e misturados, falando não só à razão quanto à emoção e à imaginação dos homens de outrora.”. (TEIXEIRA, 2020, p. 106).

eram vendidos ou doados nas festas populares, feiras livres semanais, missas e reuniões sociais.

Mesmo contando com as atuais tecnologias meteorológicas disponíveis, esse saber segue sendo respeitado no sertão nordestino. O **Encontro dos Profetas Populares da Chuva**, em Quixadá, no coração do sertão central cearense, ocorre no segundo sábado de cada ano desde 1997, reunindo agricultores e profetas e profetisas da chuva dos mais diversos rincões do estado do Ceará e de municípios de estados vizinhos, organizado pelo engenheiro Helder Cortez e pelo Centro de Diretores Lojistas dessa cidade (TADDEI, 2015), na pessoa do Sr. João Soares. Esse evento, segundo Bruno e Martins (2008), atrai também técnicos da Fundação Cearense de Meteorologia (Funceme) e meteorologistas amadores. Seu objetivo norteador é colocar no mesmo ambiente os agentes inerentes à previsão das chuvas – cujo saber varia do empírico ao técnico e do inato ao erudito, em uma polifonia que contribui para a manutenção da cultura das previsões pluviométricas na região.

Além desse, há também outro encontro entre profetas e profetisas da chuva e cientistas em Quixadá: o **Seminário de Estudos Climáticos**, de acordo com Folhes e Donald (2007). Não obstante, o **Encontro dos Profetas Populares da Chuva** citado no parágrafo anterior, o mais conhecido desses dois eventos, objetiva, à luz de Taddei (2015), tanto fornecer aos participantes uma previsão climática que viabilize o planejamento comercial quanto enviar ao governo o prognóstico científico sobre o momento ideal para a distribuição de sementes selecionadas para o plantio. Além desses em Quixadá, temos outros encontros dos profetas e profetisas da chuva em Tauá, Orós e Tejuçuoca – três municípios cearenses (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Para Silva (2017), órgãos governamentais como a Funceme vêm apoiando esse conhecimento antigo, mesclando-o com o conhecimento científico e ajudando a preservá-lo. Todavia, pelo que depreendemos de estudos nacionais e, principalmente, internacionais levados a cabo sobre esse assunto, a Funceme não tem tanta credibilidade entre os pequenos produtores cearenses, que desde a sua fundação, em 1972, a vêm com desconfiança, referindo-se a ela nesses termos:

Un magnífico ejemplo de los peligros que acechan tras la falta de entendimiento entre organismos emisores de pronósticos y agricultores es lo que sucedió con la Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) en el Estado de Ceará (vid. Lemos et al. 2002 y Pennesi, 2007). Esta unidad de la federación brasileña fue pionera en la utilización de pronósticos estacionales en la planificación agrícola, pues desde los años 90 del pasado siglo la FUNCEME elabora y difunde esta información tanto para gestores públicos involucrados en el desarrollo agrario y la gestión de recursos hídricos como para agricultores. Después de una inicial etapa de ilusión y entusiasmo, el modelo no tardó mucho tiempo en quebrar por los problemas señalados anteriormente: lenguaje inadecuado, pronóstico probabilístico mal entendido, escala espacio-temporal poco útil. Los primeros pronósticos “equivocados” derivaron en fuertes disputas y tensiones sociales y políticas (hemos explicado antes que el pronóstico probabilístico no contempla la regularidad de las lluvias, solamente la cantidad total) y en un descrédito importante de la FUNCEME, de manera que los agricultores no confían más en estos pronósticos, que consideran desvinculados de la realidad natural (CABALAR-FUENTES, 2014, p. 63). La distribución del agua depende las reservas en los *açudes* y las previsiones meteorológicas. Para el Estado, una forma de reducir el riesgo de perder la cosecha ha sido establecer programas que promueven el uso de la información climática como componente de la toma de decisiones; saber si las lluvias serán o no favorables definiría el tipo de cultivo y el momento oportuno de sembrar. Aunque el pronóstico emitido por FUNCEME tiene reputación de ser uno de los más exactos del mundo, muchos agricultores tienen poca confianza en la información climática, que se identifica sistemáticamente con las políticas de gobierno y que ponen en tela de juicio el ancestral conocimiento del clima por parte de los profetas de lluvias, meteorólogos locales, que sin sustento

científico pero amplio conocimiento del ecosistema, emiten recomendaciones que circulan entre los agricultores. (BRIONES-GAMBOA, 2010, p. 189-190).

En la mayoría de las entrevistas realizadas en la zona durante el trabajo de campo, los agricultores además de mostrarse reticentes con los pronósticos de FUNCEME, le agregan un contenido negativo a la información: “Cuando dicen que va llover es que va haber seca”. Aunque el pronóstico tenga probabilidades de ser correcto, la imagen negativa de las advertencias es resultado de la desconfianza que produce una información descrita en códigos incomprensibles para la mayoría de las personas. La información climática y de manejo del agua puede ser demasiado compleja, dicho sea de paso, muchos agricultores son analfabetos o tienen estudios básicos deficientes. Esto no quiere decir que un agricultor no tiene las capacidades para entender la información y los sistemas de gestión de agua, sino que la información no es identificada a su experiencia cotidiana. (BRIONES-GAMBOA, 2010, p. 194-195).

In fact, farmers rarely speak directly to meteorologists and instead hear the forecasts through the media reports like this one. [...] People expect a high level of accuracy in FUNCEME's forecasts. Any perceived mistakes provoke critical remarks and have lasting impacts on attitudes, even several years later. This is supported by my survey results, in which more than half (56 percent) of the farmers responded that they do not trust FUNCEME because they are always lying or making mistakes. (PENNESI, 2013, p. 765).

Como defendem Teixeira *et al.* (2020), a Funceme foi criada para fazer a nucleação artificial das nuvens, numa tentativa de sanar os problemas da estiagem constante no sertão cearense, mas essa função pode ter sido mal interpretada pelos sertanejos sem suficiente acesso à informação e pode ter soado pretenciosa, passando erroneamente a ideia de que os homens, “fazendo chover”, estariam

se colocando em uma posição semelhante à de Deus, a quem os nordestinos atribuem esta incumbência. Mesmo a Funceme passando a fazer previsões climatológicas a partir de 1990 e preterindo de sua função inicial, fato é que os profetas da chuva, mesmo sendo iletrados ou ágrafos em sua maioria, gozam de mais e melhor prestígio no meio rural pobre do Ceará do que os cientistas e funcionários públicos ou terceirizados desse órgão governamental.

Contudo, ancorando-nos no conceito da ciência cidadã (SANTOS, 2018), que defende a Ecologia dos Saberes, que advoga que não há um conhecimento mais importante do que o outro e para a qual os saberes populares são tão importantes quanto os saberes acadêmicos, acreditamos que a integração, a colaboração e a pluralidade desses entendimentos – o popular e o acadêmico – podem ladear-se e dialogar em prol de nossos pequenos produtores, que dependem das informações acerca das chuvas para seguir com seu labor. Nesse sentido, nosso pensamento encontra apoio na Universidade Estadual do Ceará que, segundo Teixeira *et al.*, (2020), passou a conceder o título de Notório Saber aos Mestres da Cultura⁶ cearenses – conferindo-lhes, assim, um grau universitário.

Apesar da importância dos profetas e profetizas da chuva para a cultura das águas no agreste brasileiro, sua continuidade é uma preocupação cada vez maior. Sobre isso, trataremos a seguir.

O Futuro dos Profetas da Chuva – Até Quando os Teremos?

Nascidos em um ambiente rural que os fez trabalhar na roça desde muito jovens e não lhes permitiu o acesso à educação formal, na grande maioria das vezes, os profetas e profetizas da chuva ancestrais e atuais aprenderam o que sabem sobre a criação de animais, o plantio, a colheita e, principalmente, as experiências de inverno com seus parentes mais velhos (avós, pais, irmãos, tios,

⁶ “A política dos Mestres da Cultura foi criada em 2003 e revista em 2006. Hoje existem 80 mestres no Ceará e, até 2021, haverá 100 mestres. Esses mestres passaram por uma seleção pública, um edital, em que eles têm que apresentar um dossiê. Esse dossiê vai falar da vida e do que eles fazem. No caso dos profetas da chuva, ele deve relatar como é a profecia deles. Se forem escolhidos, eles passam a receber uma pensão vitalícia de um salário mínimo, com o compromisso de manterem e repensarem essa tradição.” (TEIXEIRA *et al.*, 2020, p. 53).

primos, padrinhos) e vizinhos. Esse conhecimento vem sendo por eles e elas transmitido também aos seus descendentes e pessoas outras de suas imediações.

Como se destacaram em seus entornos muito cedo por acertarem seus vaticínios pluviais, tornaram-se bastante respeitados em suas comunidades e ainda são tidos como referência quando o assunto é profetizar sobre a vinda ou não da chuva no próximo “inverno”. Mas existe uma preocupação que ronda os profetas da chuva de nosso tempo, em conformidade com Teixeira *et al.* (2020): com o avanço da tecnologia e com os jovens cada vez menos interessados em saberes imensuráveis, intangíveis e que requerem bastante dedicação pessoal, existe a possibilidade concreta de que essa tradição não continue a ser repassada com a mesma entrega de geração em geração como vem sendo até agora – visivelmente mais escassa nos últimos tempos – e que desapareça.

É com lástima que se aponta a probabilidade de testemunharmos saber ancestral morrer aos poucos em um futuro bastante próximo a nós e de que o mesmo fique apenas no inconsciente coletivo como um saber de domínio público – sem a presença de seus bastiões, dos nomes dos profetas e profetisas a ele relacionados (SANTOS, 2017). Com os novos apelos da tecnologia, que cativa os mais jovens com celulares e redes sociais, cujo conteúdo os leva para muito além do mundo rural onde nasceram e foram criados, muitos deles não veem para si um futuro como está sendo o presente de seus parentes e achegados ou como foi o passado de seus parentes. Querem uma vida mais cidadina e mais conectada com as inovações que não têm tanto sentido para quem leva uma vida rural e mais simples. Portanto, na Aldeia Global que o planeta tem se transformado ao longo das últimas décadas, o interesse dos jovens de seguirem a tradição dos profetas da chuva da geração de seus pais e avós vê-se seriamente afetado. Para além disso, ainda conforme Santos (2017), há a questão educacional.

Antigamente, o conhecimento formal não atingia os pontos mais inóspitos do país como vem atingindo nas últimas três décadas, sendo o Ceará, por exemplo, uma referência na Educação Básica no Brasil há algum tempo. Seis das dez melhores escolas públicas brasileiras estão localizadas em Fortaleza e em alguns municípios

cearenses⁷. Com acesso mais direto aos estudos, os sertanejos buscam oportunidades fora de seu rincão de origem e em múltiplas áreas laborais, distanciando-se da possibilidade de seguirem fomentando os labores de seus pais, avós e antepassados.

Outro infortúnio que nos afasta cada vez mais das profecias da chuva antes certeiras e hoje nem tanto é a drástica mudança climática pela qual estamos passando e que reconfigura paisagens, faunas, floras e, conseqüentemente, repercute no acerto ou não dos presságios. Isso que faz com que futuros profetas e profetisas da chuva vocacionados não tenham mais o suporte sobre o qual fazer previsões precisas e fidedignas, uma vez que séculos de conhecimento empírico sobre o comportamento da natureza tem-se visto mudado ao longo das últimas décadas devido às más ações do homem contra seu entorno e à resposta desses maus tratos exposta na forma de cataclismos que impactam nas secas (TEIXEIRA, 2020).

Por essas e outras questões, constatamos que trabalhos acadêmicos como este que ora apresentamos têm validade e relevância para a Ciência porque, juntamente com outros na mesma temática e egrégora, servem como relicários de costumes e tradições fadados a desaparecer com o transcurso do tempo por não contarem mais, na atualidade, com tantos disseminadores como contavam outrora. Ademais das ações que já estão em andamento para preservar esse patrimônio imaterial, sejam elas acadêmicas ou não, e que estão ligadas às profecias das chuvas, cabe a nós nos aproximarmos e nos apropriarmos dessa cultura viva que subjaz à de verniz na qual vivemos, e aprendermos com ela, disseminando-a também, começando pela escola.

A Escola como Partícipe na Manutenção de Tradições Ancestrais de Oralidade – Foco nos Profetas da Chuva

É de extrema relevância que repensemos não somente uma forma de preservarmos academicamente esse conhecimento vetusto como também de expô-lo na Educação Básica desde as séries iniciais,

⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2022/11/5048425-seis-das-10-melhores-escolas-publicas-ensino-medio-no-brasil-sao-do-nordeste.html>. Último acesso: 22-04-2023.

no Nordeste, a fim de que nosso alunado, pertencente à mesma região que os profetas e profetisas da chuva, entre em contato com essa sabedoria de cunho popular e intuitivo o mais cedo possível – o que evitará muito do preconceito que se imprime a temas ligados à nossa cultura, como defende Freire (1987).

É preciso que não somente os profetas da chuva, mas todos os agentes populares que fazem ou fizeram parte de nossa vida e da vida de nossos antepassados sejam apresentados às novas gerações que os conhecem pouco ou que os desconhecem completamente – ou porque jamais os viram ou porque jamais tiveram sobre eles mais do que informações pírias e superficiais.

Para formar o cidadão que Freire (1987) e Santos (2018) enaltecem em suas obras como completo, a cultura popular e a ecologia dos saberes funcionam de maneira equilibrada: o teórico junto com o empírico, o senso comum unido ao saber científico e a cultura do povo fundida ao nosso arcabouço de conhecimentos alinhados com as tecnologias oriundas da era cibernética na qual estamos mergulhados. Nenhum deles é melhor ou pior do que o outro, ao contrário: esses conhecimentos complementam-se, uma vez que estão todos em linha de paridade. Mais do que isso: somam-se e multiplicam-se uns pelos outros se bem soubermos usar o potencial que têm para produzir ainda mais conhecimentos se forem trabalhados interdisciplinarmente.

Almejando ter essa integridade considerada, absorvida e trabalhada como Freire (1987) e Santos (2018) a idealizam, é imprescindível contarmos com a participação da escola neste processo, com o fito de infundir em nossos discentes o apreço pelo que é imaterialmente tangível e que merece permanecer respeitado e transmitido como elemento inerente à nossa formação – ainda mais se estamos falando em termos de Nordeste e de nordestinos, para quem esse saber importa mais.

Para que o consigamos (já que é um desafio imenso validar o discurso de sertanejos muitas vezes analfabetos para aprendentes que não o são e estão cativados pelo mundo virtual, em rota de colisão direta com o ambiente hostil do sertão e sua realidade áspera), é necessário que se crie na escola um ambiente de acolhida e de apreço para com esses sábios da natureza e os outros agentes

da cultura popular desta parte do país, a fim de que suas palavras impregnadas de empirismo atravessem a experiência estudantil e implantem em nossos jovens a reverência que esses seus contemporâneos e seus antepassados fazem jus.

O título de “Notório Saber em Cultura Popular” conferido pela Uece aos Mestres do Mundo, certificado pela Secretaria da Cultura do Ceará (Secult-Ce), dentre os quais estão vários profetas da chuva, lhes permite lecionar em todos os níveis de ensino: da Educação Básica ao Ensino Superior, de acordo com Teixeira *et al.* (2020). Ademais, ainda segundo Teixeira *et al.* (2020), a Secult-Ce vem realizando atividades em parceria com a Secretaria de Educação do Ceará (Seduc-Ce), especialmente nas Escolas de Tempo Integral da Rede Estadual de Ensino Médio, utilizando-se do projeto “Escolas com os Mestres e Mestras da Cultura”, cuja intenção é atingir também os docentes e discentes da Uece, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e da Universidade Regional do Cariri (Urca).

Com esse objetivo, o trabalho a ser feito é interdisciplinar. Em outras palavras: a Literatura, a História, a Sociologia e a Filosofia, apenas para citar algumas disciplinas que podem aderir ao projeto, dialogam perfeitamente com os saberes trazidos pelos profetas e profetizas da chuva. Destarte, todas as atividades que envolvam estes agentes e nossos alunos e alunas são válidas: desde o contato entre eles e elas por meio de eventos escolares, oficinas e aulas de campo à produção conjunta de materiais didáticos, audiovisuais e midiáticos. Conforme Paulo (2022, p. 6):

A Educação Popular freiriana, baseada na pedagogia crítica emancipadora/revolucionária é dialógica na prática e na teoria, cuja “epistemologia libertadora” (FREIRE; SHOR, 2013, p.130) é uma construção permanente, a qual as bases teóricas se aportam pelas/nas lutas políticas, educativas, metodológicas que visam a transformação social.

Assim sendo, esses conhecimentos ultrapassarão os muros da escola (e da universidade, mais à frente) e retornarão à comunidade resignificados, em uma retroalimentação impreterível para a continuidade de tradições ancestrais como esta e outras, que

merecem não somente seu entendimento e sua divulgação, mas sua prática e preservação, com o respeito e o amor que lhes são devidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando resguardar esse saber popular, pertencente ao imaginário místico do sertanejo pretérito e atual e que se vê ameaçado pela notória indiferença das gerações mais jovens para consigo, dissertamos nesse artigo não somente sobre os profetas e as profetizas da chuva e um pouco do muito de sua *expertise* como também sobre o que os ronda em termos de relevância sócio-econômico-cultural e sua continuidade.

As conclusões às quais chegamos nos remetem às suas factíveis técnicas primitivas de vaticínio acerca da presença ou da ausência das águas pluviais na presente ou na próxima quadra invernos, essenciais para os pequenos agricultores e pequenos pecuaristas do sertão, que dependem da chuva para o exercício de seu labor e que seguem cooperando para que esse conhecimento continue a ser repassado, ainda que temam que as gerações vindouras não se interessarão tanto por dar seguimento às suas práticas.

Por isso, é de imprescindível valia que a escola tenha em seu calendário de eventos e de aulas ordinárias, um plano interdisciplinar que envolva os ensinantes e os aprendentes em assuntos culturais concernentes ao seu entorno, tal como sugere Freire (1987), mesclando a educação popular à agenda de disciplinas exigidas para cada ano letivo. Com essa aproximação, ganham todos: o alunado e o professorado, porque entram em contato com saberes que não teriam como adquirir nos livros didáticos; e os profetas e profetizas da chuva, que têm seu legado tratado não somente na escola em si, mas na Academia também, nas investigações científicas, assegurando-lhe a conservação, o cuidado e a divulgação.

Muito temos ainda por investigar nessa seara tão fecunda e tão visceralmente ligada às nossas raízes, história e cultura como o são as profecias das chuvas. Por isso, na tentativa de resgatar ecos da memória e de documentar o presente, após esta pesquisa exploratória aqui plasmada, aprofundaremos nossos estudos sobre

essa temática em nosso próximo passo investigativo: ao biografarmos alguns desses homens e mulheres cujas narrativas de vidas e experiências de inverno cristalizaremos em forma de livro.

Podemos afirmar, em resumidas palavras, que a voz desses arautos do sertão pertence ao campo da resistência – com sua poética oral e tendo por trás de si a troca de saberes que nos caracterizam como um povo que surgiu a partir do amálgama de muitos outros. Os profetas e profetizas da chuva, naturalmente sábios ainda que parcamente letrados ou nem isso, representam uma cultura que pouco a pouco se perde, **mas que tal como o mandacaru que flora na seca, se regada, seguirá florescendo.**

Referências

BRIONES-GAMBOA, Fernando. ¿Sequía natural o sequía hidrológica? Políticas públicas y respuestas sociales en el perímetro irrigado de Icó-Lima Campos, Ceará. In: TADDEI, Renzo; GAMBOGGI, Ana Laura (Orgs.). **Depois que a Chuva não Veio**: respostas sociais às secas no Nordeste, na Amazônia e no Sul do Brasil. p.177-202, Fortaleza, FUNCEME, CIFAS, 2010.

BRUNO, Fernanda; MARTINS Karla Patrícia Holanda. Profetas da Natureza: ver e dizer no Sertão. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 1-12, jan.-jun., 2008.

CABALAR-FUENTES, Manuel. Predicción Meteorológica Estacional y su Comunicación II Pequeño Agricultor en el Nordeste de Brasil. **Investigaciones Geográficas**, n. 62 p. 57-66, Alicante, jul.-dic., 2014.

CÂMARA, Yls Rabelo. Profetas da chuva quixadaenses: ancestralidade, cultura popular, oralidade, memória, resistência.

Revista Ensino em Perspectiva, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.

FOLHES, Marcelo Theophilo; DONALD, Nelson. Previsões Tradicionais de Tempo e Clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da Ciência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 19-31, dez., 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNES, Eurípedes; ROSA, João Guimarães. E o Mar Virou Sertão. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; BRAGA, Ricardo Augusto Pessoa; LIMA, Rozeane Albuquerque; MEDEIROS, Salomão de Sousa (Org.). O Encolhimento das Águas. **INSA**, 2018.

GONÇALVES, Tiago Cargnin; BERTINO, Raimundo Daldenberg Pereira. Sinais da Natureza Profecias e Previsões Meteorológicas no Sertão do Pajeú. **Revista de Geografia**, Recife, v. 35, n. 1 (Especial), p. 30-39, 2018.

PAULO, Fernanda dos Santos. Educação Popular Freiriana como Paradigma da Educação no Campo e da Educação Ambiental. **Geog Ens Pesq**, Santa Maria, v. 26, Ed. Esp. e4, p. 1-18, 2022.

PENNESI, Karen. Predictions as Lies in Ceará, Brazil: The Intersection of Two Cultural Models. **Anthropological Quarterly**, v. 86, n. 3, p. 759-790, 2013.

PEREIRA, Edson Barbosa. Etnoclimatologia e a Percepção dos Agricultores sobre as Experiências de Chuvas e Secas em Serra de São Bento-RN, Nordeste do Brasil. 74 f. **TCC** (Monografia). Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Guarabira, 2019.

SANTOS, Elaine Cristina. A Etnoclimatologia e os Agricultores no Município de Pinhãozinho (Paraíba, Nordeste do Brasil). 33 f. **TCC** (Monografia). Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Guarabira, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. Perdizes: Cortez Editora, 2018.

SANTOS, Helen Niedja Ferreira dos; ALVES, Carlos Antônio Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de; SANTOS, Ana Célia Fidélis dos; SILVA, Ana Paula Targino da; SILVA, Aryan Carlos de Oliveira; SILVA, Danieli Rodrigues da; ARAÚJO, Janielly Taísa Macena de; SILVA, Maria Aparecida Oliveira. Profetas da Chuva e Mudanças Climáticas nas Comunidades de Filgueiras, Jaguaré e Olho D'Água.

Anais do Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental e Sustentabilidade, v. 5, p. 677-685, 2017.

SEVERINO, Cristiany Assis; SOARES, Ana Paula Vilela; ROCHA, Daniella Medeiros Moreira; SOUZA, Ildeth Dias. Profetas da Chuva: A Cultura Brasileira Expressa pela Moda. **Revista de Trabalhos Acadêmicos**, Campus Niterói, n. 13, p. 1-13, 2016.

SILVA, Aline de Souza. Percepção dos Profetas da Chuva sobre as Mudanças Climáticas nas Comunidades Lagoa do Castro, Utinga e Saquaiaba, Mulungu-PB, Nordeste do Brasil. 64 f. **TCC (Monografia)**. Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, 2018.

SILVA, Geisa de Oliveira Araújo. Experiência e Conhecimento dos Profetas da Chuva na Comunidade Rural de Matas do Riachão, no Município de Cacimba de Dentro-PB, Nordeste do Brasil. 37 f. **TCC (Artigo)**. Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, 2017.

SILVA, Neusiene Medeiros da; ANDRADE, Anna Jéssica Pinto de; ROZENDO, Cimone. 'Profetas da Chuva' do Seridó potiguar, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 9, n. 3, p. 773-795, set.-dez., 2014.

TADDEI, Renzo. **Meteorologistas e Profetas da Chuva. Conhecimentos, Práticas e Políticas da Atmosfera**. São Paulo: Terceiro Nome, 2017.

TADDEI, Renzo. Os Profetas da Chuvas do Sertão como Produção Midiática. **Anais**. Latin American Studies Association, 14f., 2015.

TEIXEIRA, Benedito; ALBUQUERQUE, Claudia; PAULA, Ethel de. Os Profetas. **Pelo observar da natureza e o desejo de chover**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta LTDA, 2020.

Recebido em: *Abril/ 2023*.

Aprovado em: *Maior/ 2023*.

AGRADECIMENTO E DEDICATÓRIA

AGRADECEMOS E DEDICAMOS este artigo ao Sr. Helder Cortez, por sua calorosa acolhida à nossa proposta, por sua generosa colaboração para conosco e por sua solicitude ímpar, de todos conhecida e por todos reconhecida. **GRATIDÃO**, sobretudo, por dar visibilidade, junto a outros voluntários e voluntárias, a esses nossos irmãos e irmãs que, por meio de sua prática vaticinal lapidada por séculos de observação e de sensibilidade, nos unem a tantas dores, a tantas crenças, a tantos sonhos e a tantos logros de nossos antepassados e contemporâneos nordestinos – que dão vida e sentido ao verbo freiriano **ESPERANÇAR!!!**